



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
YASMIM DA SILVA RUAS**

**A objetividade versus a subjetividade do bibliotecário no processo de
indexação**

**Rio Grande, RS
2017**

YASMIM DA SILVA RUAS

A objetividade versus a subjetividade do bibliotecário no processo de indexação

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Vasconcelos Dziekaniak

**Rio Grande, RS
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Reitora: Cleuza Maria Sobral Dias

Vice-Reitor: Danilo Giroldo

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO - ICHI

Diretora: Derocina Alves Campos Sosa

Vice diretora: Denise Maria Maciel Leao

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

R894o Ruas, Yasmim da Silva
A objetividade versus a subjetividade do bibliotecário no processo de indexação / Yasmim da Silva Ruas. – Rio Grande, 2017. - 40 f.

Trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande. Orientada por Gisele Vasconcelos Dziekaniak

1. Leitura. 2. Biblioteconomia. 3. Análise do discurso. 4. Indexação. I. Dziekaniak, Gisele Vasconcelos. II. Título.

CDU 025.4

Yasmim da Silva Ruas

A objetividade versus a subjetividade do bibliotecário no processo de indexação

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Data de Aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Gisele Vasconcelos Dziekaniak
Orientadora (FURG)

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Santos Maia

Prof. Dr. Fabiano Couto C. da Silva

**Dedico esta monografia aos meus pais
Alda Andrade da Silva e Olavo Jesus dos Santos Ruas**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por sempre me proporcionar oportunidades incríveis como está e sempre estar presente em minha vida.

Agradeço eternamente aos meus pais, por todo esforço feito desde que me conheço por gente, sem vocês eu com certeza não teria chegado até aqui, amo muito vocês!

Agradeço à minha irmã Rafaela por todo apoio e aos meus sobrinhos Karolayne e Daniel por estarem presentes e se espelharem na tia.

Agradeço às Famílias Silva, Ruas, Pereira e Pardo, por sempre me incentivarem a correr atrás dos meus sonhos, acreditando no meu potencial e vibrando junto comigo em cada conquista.

Agradeço à Sarah, Renata, Rafaela, Luis, Roxane, Frederico, Victor, Michel e Rodrigo amigos (as) que a vida me deu, meus amores obrigada por sempre estarem presente quando eu mais precisei, sempre me apoiando e torcendo pela minha vitória.

Agradeço à Brenda, uma grande amiga que a FURG me deu e que vou levar para o resto da minha vida.

Agradeço à Karolina, Luiz Felipe, Magnum, Regina, Raquel, Ágatha, Letiery, Carla, Liége, Criscielle, Dayse, Cleuza e Sandra, amigos (as) que eu fiz no decorrer do curso, no qual pude compartilhar todos os sentimentos possíveis, desejo todo sucesso do mundo para vocês, vou sentir muita falta de vocês!

Um agradecimento especial para a turminha do 2º ano Christian, Ingrid, Julia, Jessica, Heytor, Paola, Edna e Guilherme (1º ano), minhas manhãs/noite se tornaram mais alegres com a presença de vocês, eu sei que o nosso convívio foi pouco, mas foi o suficiente para admirar cada um e desejar todo o sucesso do mundo.

Agradeço à Dóris, amiga que o IFRS me deu, você é incrível, obrigada por todos os conselhos, conversas, sorrisos, saídas e por sempre me dar uns helps.

Agradeço aos meus dindos Juliana Blasina e Rafael Alves, por sempre me incentivarem a ler e a amar os livros.

Agradeço à Bibliotecária do IFRS Josiane Silva da Silva, lugar onde estagiei por 2 anos e que tive todo suporte, com toda certeza você foi essencial na minha formação, aprendi muito com você, excelente professora e profissional.

Agradeço à minha Orientadora Profa. Dra. Gisele Vasconcelos Dziekaniak pela orientação, compreensão, incentivo, e por todo conhecimento que foi passado no decorrer do curso e até este momento.

Agradeço aos Profs Renata, Fátima, Mariza e Juliane por sempre estarem à disposição quando eu precisei.

Agradeço à Virginia Bastos, por me aturar durante esses 4 anos, te dei trabalho hein!!

Agradeço ao Psicólogo Lauro Demenech, pelo apoio, as nossas conversas foram essenciais para eu conseguir concluir esta etapa.

Por fim, agradeço a todos e a todas que de alguma forma direta ou indiretamente fizeram parte deste sonho.

GRATIDÃO

RESUMO

O presente trabalho consiste em fazer uma análise sobre a prática dos bibliotecários, sobre a indexação, sua interpretação de textos, da sua leitura de documentos e da representação temática, através da obra *Leitura e interpretação em biblioteconomia*, de Clarinda Lucas. Tendo como objetivo específico identificar qual (is) tipo(s) de leitura(s) é realizado pelo bibliotecário no processo de indexação e quais elementos da análise do discurso contribuem para a formação do bibliotecário indexador, bem como no fazer da sua atividade como indexador, que ainda estão à margem de sua formação. Portanto, iniciamos nosso referencial teórico tratando do discurso da biblioteconomia: o bibliotecário e suas funções, os senhores da memória e do esquecimento, a leitura e o olhar leitor do bibliotecário, logo após, trataremos da representação da informação, que vem a ser, em suma, o resultado das etapas de catalogação, classificação e indexação. Para em seguida, especificamos a representação temática, bem como a indexação, enquanto produtos da leitura realizada pelo bibliotecário no processo de tratamento da informação. Conclui afirmando que a metodologia estudada é adequada e eficiente em seu propósito.

Palavras-chaves: Indexação. Metodologia de indexação. Análise documentária. Subjetividade do bibliotecário indexador.

ABSTRACT

The present work consists of making an analysis on the practice of librarians, on indexing, their interpretation of texts, their reading of documents and the thematic representation, through Clarinda Lucas' Reading and Interpretation in Librarianship. Having as a specific objective to identify which type (s) of reading (s) is carried out by the librarian in the indexing process and which elements of discourse analysis contributes to the formation of the indexing librarian, as well as in the making of its activity as indexer, who are still at the margin of their training. Therefore, in order to arrive at a conclusion, we begin our theoretical reference dealing with the discourse of librarianship: the librarian and his functions, the lords of memory and forgetfulness, reading and reading the librarian, soon after, we will deal with the representation of information , which is, in short, the result of the steps of cataloging, classification and indexing. Next, we specify the thematic representation as well as the indexation as the products of the reading carried out by the librarian in the process of information processing. It concludes by stating that the methodology studied is adequate and efficient in its purpose.

Keywords: Indexing. Methodology. Documentary Analysis. Subjectivity of the indexing librarian.

LISTA DE ABREVIATÖES

AD – Análise do Discurso

RI – Representação da Informação

RT – Representação Temática

SRI – Sistema de Recuperação da Informação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Justificativa	14
1.2 Objetivos	14
1.3 Objetivo geral	14
1.2. Objetivos Específicos	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 O discurso da biblioteconomia: o bibliotecário e suas funções	16
2.2 Os senhores da memória e do esquecimento	18
2.3 A leitura e o olhar leitor do bibliotecário.....	20
2.4 Representação da informação	22
2.5 Representação temática	23
2.6 Indexação	24
2.7 Análise do discurso	27
2.7.1 Questão da memória e a materialização discursiva	30
2.7.2 O sujeito inscrito no discurso do bibliotecário.....	32
3 METODOLOGIA	34
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que para uma boa recuperação da informação, o processo de representação da informação deve de ser feito adequadamente, utilizando palavras chaves, cabeçalhos, descritores oriundos de vocabulários controlados condizentes aos objetivos da unidade de informação cujo acervo pertence, e/ou que a obra refere-se.

Ainda a respeito da representação da informação, se por um lado temos o acervo a ser organizado, tratado e disponibilizado, por outro lado temos a figura do bibliotecário, e, no caso deste estudo, mais especificamente, nos importa o olhar do bibliotecário indexador, e o modo como este procede no seu fazer diário, na atividade de indexação, em busca de representações para as obras que indexa.

De acordo com Lucas (2000), o olhar bibliotecário tem que dar conta das diferentes formações discursivas¹ presentes nos documentos, e não lidar somente com os conteúdos isoladamente. De certa forma, o bibliotecário, por meio de seus catálogos, de seus descritores, tenta dirigir o olhar leitor, inscrevendo cada texto em uma determinada formação, ao que iremos propor uma investigação a partir da obra de Clarinda Lucas (2000) intitulada: *Leitura e interpretação em biblioteconomia*,

Portando, o presente trabalho consiste em fazer uma análise sobre a prática dos bibliotecários, sobre a indexação, sua interpretação de textos, da sua leitura de documentos e da representação temática, através da obra *Leitura e interpretação em biblioteconomia*, de Clarinda Lucas. Segundo Lucas (2000), sua análise se debruça sobre textos que tratem do bibliotecário, suas funções, seu perfil enquanto leitor, enfim, sobre o imaginário existente na história quando fala dos bibliotecários; imaginário este que, como sabemos, constitui da história. Que sujeito é este? Que leitura ele faz? E, ainda, com essa pesquisa propomos responder: De que modo a análise do discurso, através da obra de Clarinda Lucas, intitulada *Leitura e interpretação em biblioteconomia* (2000), contribuem para a formação do bibliotecário indexador, bem como no fazer da sua atividade como indexador? Quais

¹ “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada- ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio- histórica dada- determina o que pode e o que deve ser dito.” (ORLANDI, 1942).

elementos da análise do discurso necessitam ser trazidos à luz na formação do bibliotecário indexador que ainda estão à margem dessa formação?

É através destas questões que este trabalho irá se direcionar.

1.1 Justificativa

A importância deste estudo se deve ao fato de ser necessária uma reflexão sobre o papel do bibliotecário na atividade de indexador e sua responsabilidade neste processo de representação da informação. Sabe-se que o sucesso na recuperação da informação por parte do usuário depende de um bom desempenho do indexador, da sua formação e é através deste olhar provocativo da análise do discurso, através da obra de Clarinda Lucas (2000) que iremos estudar o bibliotecário leitor e indexador.

1.2 Objetivos

A seguir seguem os objetivos a serem atingidos através deste trabalho.

1.3 Objetivo geral

Desenvolver um estudo sobre o contexto da indexação baseado na obra, *Leitura e interpretação em biblioteconomia*, da autora Clarinda Rodrigues Lucas, a fim de analisar a contribuição da análise do discurso, através desta obra, para a formação do bibliotecário indexador.

1.2. Objetivos Específicos

- Identificar qual (is) tipo(s) de leitura(s) é realizado pelo bibliotecário no processo de indexação.
- Identificar quais elementos da análise do discurso, através da obra de Clarinda Lucas, intitulada Leitura e interpretação em biblioteconomia (2000), contribui para a formação do bibliotecário indexador, bem como no fazer da sua atividade como indexador, que ainda estão à margem de sua formação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir serão apresentadas conceituações básicas para a contextualização do tema deste estudo, com algumas definições importantes, para que se chegue ao objetivo principal, que é analisar a materialidade/subjetividade do processo de leitura pelo sujeito indexador.

Iniciamos o referencial teórico tratando do discurso da biblioteconomia: o bibliotecário e suas funções, os senhores da memória e do esquecimento, a leitura e o olhar leitor do bibliotecário, logo após, trataremos da representação da informação, que vem a ser, em suma, o resultado das etapas de catalogação, classificação e indexação. Para em seguida, especificamos a representação temática, bem como a indexação, enquanto produtos da leitura realizada pelo bibliotecário no processo de tratamento da informação.

2.1 O discurso da biblioteconomia: o bibliotecário e suas funções

Fonseca (1992) citado por Lucas (2000) menciona uma das crônicas, do livro *Os filhos de Candinha*, do autor Mário de Andrade, no qual se chama “Biblioteconomia” com o intuito de mostrar “como o livro, a biblioteca, o leitor e o bibliotecário são encarados em uma perspectiva abrangentemente humanística”. Portanto, como afirma Fonseca (1992), esta perspectiva é de extrema importância para o estudante de biblioteconomia não ser totalmente técnico, assim dando outra visão para esse futuro profissional.

Segundo Mário de Andrade, citado pela autora Lucas (2000), o Bibliotecário é visto como aquele que caracteriza e ficha o conhecimento que está nos livros, classificando-o, dando-lhe visibilidade, codificando. Sendo assim, o bibliotecário, torna os livros e todo o documento que ele classifica, acháveis, pois ele procura termos que definem tais obras, para que essas obras se tornem utilizáveis.

É interessante entendermos a evolução do Bibliotecário, desde quando estes profissionais eram a memória viva dos reis até a atualidade, quando a memória já é artificial e está nos computadores (Lucas, 2000), pois assim, como a autora através de sua obra intitulada *Leitura e interpretação em biblioteconomia* preocupa-se em conseguir compreender a figura desde leitor que se constrói ao longo da história, no entremeio da memória, nós também temos esta mesma preocupação, pois temos o objetivo de compreender assim como Lucas (2000) a contradição entre o que se pede e a formação que se dá a estes profissionais.

Portanto Lucas (2000) fala que

parece ter uma contradição entre o bibliotecário descrito por Mário de Andrade, que parece capacitado a manejar com sabedoria a verdade da ciência inscrita nos livros e a formação que é dada a estes profissionais, que não lhes dá condições de exercer os poderes e as funções inerentes a suas atividades.

Lucas (2000) trabalha com a hipótese de que há a ilusão de completude, uma positividade que cerca a prática biblioteconômica que ela quer investigar. Sendo assim a autora utiliza as palavras de Chartier (1994) para explicar,

que um deslocamento desta positividade que cerca a prática de leitura do bibliotecário, indexador de arquivos, buscando nos desprendimentos de nossos limites, muito seguros, e das evidências que nos são por de mais familiares, construir a posição do sujeito-leitor-bibliotecário.

Neste capítulo a autora trata também da dupla função da análise do discurso, que se dá através da história ligada às práticas e não a cronologia. Segundo Lucas (2000) esse discurso se relaciona duplamente com a história, porque se produz em condições determinadas, projetando-se no futuro, e também porque, sendo histórico, cria tradição, no passado, direcionando os novos acontecimentos.

O processo ideológico que constitui o discurso da biblioteconomia, especificamente quando trata da leitura, está permeado por sentidos estabelecidos, por uma memória. Esta memória produz um imaginário sobre este profissional - e sobre as bibliotecas: por um lado, centros do poder (THOMPSON, 1977).

Por outro lado à imagem dos bibliotecários afundados em livros, sem nenhum apreço pelos usuários, deformados pelos processos técnicos (Lucas, 2000). Isto é um fato, pois a grande maioria dos Bibliotecários trabalham nos bastidores, para poder disseminar informações de qualidade para seus usuários.

Para Fonseca (1992), a formação dos bibliotecários esteve sempre entre a erudição e a técnica. Portanto a autora não concorda com Fonseca, ela diz que esse dilema entre o erudito e o técnico, o edificante e o utilitário, o idealismo e o pragmático, é falso, pois o que realmente importa é sobre o que este profissional produz e o resultado de seu trabalho. Sendo assim, mesmo que o público nunca os veja eles sempre vão trabalhar em prol de um serviço de qualidade voltado para os usuários, bem como uma indexação bem feita para uma recuperação da informação mais eficaz.

2.2 Os senhores da memória e do esquecimento

Segundo a autora, Le Goff(1992) através da sua obra faz um percurso desde a Grécia arcaica até os dias atuais, afirmando que

os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores de “mecanismos de indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”, revelando também a preocupação destas categorias em tornarem-se “senhores da memória e do esquecimento”.

Lucas (2000) diz que nas sociedades sem escrita havia a figura dos homens-memória, depositários da história objetiva e ideológica, atuando como guardiões dos códices reais, os historiadores da corte, os genealogistas.

A autora menciona as duas formas de desenvolvimento da escrita através da memória coletiva. A primeira seria a inscrição na pedra e no mármore, mas só em acontecimentos memoráveis como, por exemplo, monumentos, praças, lápides, tendo como objetivo publicar as conquistas. A segunda forma é o documento (o manuscrito), tendo como função armazenar informações, permitindo a comunicação através do tempo e do espaço.

A função da escrita passou da memória oral para a visual permitindo o reexame, a reordenação e a retificação de frases e até de palavras isoladas. Com essa passagem, um novo saber-fazer técnico permite a memorização palavra por palavra, pelos processos mnemotécnicos.

Mnemon – é uma pessoa que guarda a lembrança do passado em vista de uma decisão de justiça. Sendo utilizado pelas cidades como magistrados encarregados de conservar na sua memória o que é útil em matéria religiosa Le Goff (1992). A memória era considerada como um dom sagrado, até que surgiu a mnemotécnica que contribuiu para a dessacralização da memória tornando seu caráter técnico e profissional.

Portanto os traços mais característicos da memória na Idade Média são a cristianização da memória e da mnemotécnica, havendo uma repartição entre uma memória litúrgica e laica (Lucas, 2000).

Aqui temos dois campos semânticos, que são a *mneme* e memória, segundo Le Goff verifica que estas palavras na língua francesa, sofreram várias modificações:

Na Idade Média aparece a palavra central *mémoire*, no século XI. *Mémorial* (...contas financeiras) em 1320, *mémoire*, no masculino, designando um dossiê administrativo. [...]. O século XV vê o aparecimento de *mémorable*, ligado às artes *memoriae*, com a renovação da literatura antiga - memórias de algum personagem; é o século em que a história nasce e o indivíduo se afirma. O século XVIII cria, em 1726, o termo *mémoraliste* e, em 1777, *memorandum*, derivado do latim por meio do inglês. A partir desta época, a opinião pública, por meio dos jornais, é manifesta, sendo produtora de sua própria memória.

Através deste breve percurso a autora faz uma reflexão sobre os vários tipos de conotações que esta palavra assume, nas quais são:

a de testemunho administrativo (dossiê) a serviço do poder (o rei); a serviço das artes e da literatura; a serviço do indivíduo (memória pessoal para as gerações futuras); a serviço da opinião pública (memória jornalística); a serviço da ciência médica e do ensino (a memória como capacidade do ser humano de armazenar conhecimento); a serviço do homem por meio das máquinas (memória agregada - a atual memória dos computadores).

A partir do século XVIII a memória técnica, científica e intelectual passa a estar reunida nos dicionários e nas enciclopédias, assim podendo fazer pesquisas, consultando conteúdos sem precisar memorizá-los.

No século XIX a memória passa a estar representada nas fichas das bibliotecas, dos arquivos e dos museus. Também no século XIX, o volume da memória coletiva não cabe mais na memória individual. Portanto nos anos 50, a introdução dos computadores provocou uma revolução na memória, pois a memória humana sempre vai estar sujeita ao esquecimento ao contrário da memória das máquinas que é ilimitada, dependendo de técnicas de armazenamento. Sendo uma

ferramenta bem importante para manter viva a memória dos guardiões de memória, e a partir daí elas se tornaram memórias públicas.

2.3 A leitura e o olhar leitor do bibliotecário

Lucas (2000) fala que a noção de leitura pode ser pensada a partir de várias abordagens, e neste capítulo a autora utilizou as reflexões do autor Roland Barthes (1984), pois segundo a autora, ele coloca em questão o ponto de vista a adotar a respeito das múltiplas formas de utilização da palavra leitura, sendo elas, a da sociologia, fisiologia, semiologia, religião, fenomenologia, psicanálise, filosofia. A Lucas (2000) trata também em sua obra da “Classificação das práticas de leitura”, no qual, ela afirma através da definição de Barthes (1984) que:

“A leitura é como um conjunto de práticas codificadas, que histórica e socialmente estão envolvidas, e, para articular um discurso sobre a leitura, esboça uma classificação das práticas de leitura, na tentativa de, por meio das ciências sociais, da história à sociologia, compreender esta palavra.”

Para Barthes as práticas de leitura (ler) compreendem os sentidos que passaremos a comentar, que são Ler é uma técnica; Ler é uma prática social; Ler é uma forma de gestualidade; Ler é uma forma de sabedoria; Ler é um método; Ler é uma atividade voluntária; A leitura via etimologia; A noção de leitura via intenções do autor; Modelos de leitura; Leitura como noção de produção de sentido; Leitura como noção de escrita e; A leitura e a semiologia.

Lucas (2000) fala que a leitura é uma técnica de decodificação, no qual ela precisa ser aprendida. Sendo interpretada por Barros, a leitura decodificada é uma leitura superficial que, apesar de incompleta, é essencial fazê-la mais de uma vez num mesmo texto.

A leitura estava ligada à possibilidade de se medir o tempo, à comunicação, à capacidade de memória, sendo um instrumento privilegiado de poder, de segredos. Através de Barthes a autora Lucas realça a distinção entre a escrita (codificação, criação) e a leitura (mental, abstrata), pois se pararmos para pensar a escrita deveria

de ter mais valor por ser uma atividade de criação e a leitura seria uma atividade de consumo. Entretanto Lucas mostra que nem sempre foi assim, pois antigamente a leitura foi uma atividade bem presente, na qual o corpo estava, por estatuto, empenhado. Sendo assim, hoje, a leitura é interiorizada, e espalha, por meio do próprio corpo o que a leitura é: um prazer, um trabalho, um passatempo. (Lucas, 2000).

Segundo Lucas (2000), na Idade Média, a leitura era concebida como possibilidade de acesso de um sujeito ao conhecimento e pensamento, era, portanto uma via para o alcance da sabedoria, prescrita e recomendada como a leitura dos textos sagrados. Barthes vê a leitura como uma atividade voluntária, que é feito para o prazer do leitor, independente do conteúdo dos textos.

A autora menciona também que através da leitura adquirem-se três auréolas prestigiosas: a da ciência (exatidão, rigor), a da razão (desmistificação), a do gosto (conformidade com o Belo). Na etimologia da palavra leitura está implícito o próprio ato de ler, já no grego e no latim a leitura:

designa a atividade de recepção do texto escrito no sentido de contar, enumerar: ao ler, enumeramos unidades de texto, letras, sílabas. O seu sentido está próximo do que hoje entendemos por soletrar, enumerar sucessivamente as letras de uma palavra. Para Barthes a etimologia da palavra ler supõe a evocação de uma fisiologia, exigindo uma pedagogia da leitura (LUCAS, 2000).

Através do sentido do latim, a leitura designa-se por dois modos de acesso ao texto, nas quais é, reconhecer, percorrer e ter o acesso sequencial (leitura de romances), colher e compreender que é ter o acesso seletivo (leitura de um dicionário).

Segundo a autora a noção de leitura entre o autor e o leitor deriva da concepção do sujeito cartesiano do século XVIII. A leitura de todos os bons livros é como uma conversa com as pessoas mais honestas dos séculos passados, que foram seus autores (Descartes). Lucas menciona que Hegel através do seu prefácio à Fenomenologia do Espírito (1807) discorda da concepção de Descartes da relação do texto com a verdade, pois segundo Lucas (2000).

O prefácio, como enunciado da intenção do autor, não tem valor como modo de exposição da verdade. Em Hegel, o texto filosófico é autônomo, é universalmente inteligível, o texto filosófico não é a expressão da verdade, é o seu modo de existência, é a verdade. O autor e o leitor são particulares, circunstâncias, sendo o texto universalmente inteligível. O ideal da

transparência do texto para uma leitura ideal baseia-se no postulado da univocidade da linguagem: realiza-se no discurso da ciência.

Lucas cita os modelos de leitura de Barthes, no qual é o sentido e a verdade, tendo em comum um ideal de neutralidade, de univocidade. O mito de neutralidade, de univocidade e de significância, comum a todos os modelos de leitura vistos até aqui, foi derrubado, segundo Barthes, por Marx, Nietzsche e Freud, pois eles trabalham sobre uma nova noção de sentido, portanto para eles o sentido não é mais um dado que preexiste ao texto. Já para Barthes o sentido é uma produção, não precede o texto, não está nele depositado nem é um dado.

2.4 Representação da informação

Segundo Paes e Barbosa (2015), a representação da informação (RI) é considerada como um conjunto de elementos que representam um material informacional, tanto fisicamente como tematicamente.

Para Vargas (2010), a representação da informação visa à construção de pontos de acesso para recuperação de informações existentes em um sistema de informação. A autora ainda afirma que, existem duas etapas para o processo de representação da informação, que são: representação descritiva e representação temática.

O tratamento descritivo refere-se propriamente à catalogação, ou seja, à representação descritiva da forma física do documento (autor, título, edição, casa publicadora, data, número de páginas etc.). O tratamento temático, em bibliotecas, diz respeito ao assunto tratado no documento, ou seja, compreende a análise documentária como área teórica e metodológica que abrange as atividades de classificação, elaboração de resumos, indexação e catalogação de assunto, considerando as diferentes finalidades de recuperação da informação. (FUJITA, 2009, p. 22).

Portanto, a R.I tem como objetivo a organização do conhecimento, que se dá através de análise de assuntos (frases de indexação) ou atribuição de conceito (indexação). Os seus instrumentos utilizados para o processo da R.I são:

- a) LISTAS DE CABEÇALHOS:** inicialmente apenas padronizar
- b) VOCABULÁRIO LIVRE:** ausência de controle de vocabulário para indexação

c) LISTAS DE TERMOS AUTORIZADOS: controle de vocabulário.

Segunda VARGAS (2010) Sabe-se que um bom instrumento de representação da informação em muito contribui para que um Sistema de Recuperação da Informação (SRI) seja mais eficaz, embora haja outros fatores envolvidos.

Portanto, o processo da representação da informação é extremamente importante ser executada adequadamente, pois assim possibilita que os usuários encontrem as informações que buscam em um curto período de tempo. Lembrando que sempre devemos poupar o tempo do leitor.

A seguir iremos tratar da Representação Temática.

2.5 Representação temática

A Representação temática se dá através do processo de análise de assunto, que tem o objetivo de propiciar o entendimento do conteúdo, para produzir a informação documentária, que será disponibilizada no catálogo (SOUSA, 2013). Através de um vocabulário controlado, o bibliotecário tem acesso a todos os termos ou palavras chaves que são usados para facilitar o processo de recuperação da informação para o usuário. Esses vocabulários controlados são extremamente importantes para o processo de indexação, pois sem eles a subjetividade do profissional indexador pode se sobrepor a uma interpretação que deveria de ser um pouco mais técnica.

A Representação Temática, diferentemente da Representação Descritiva, está mais sujeita a subjetividade do profissional da informação. Para que seja eficiente, ela depende de uma série de fatores, como por exemplo, a experiência do bibliotecário e seu conhecimento do assunto. Para tentar reduzir um pouco esta subjetividade com vistas à padronização na representação dos assuntos, foram criadas as linguagens documentárias como os tesauros e as listas de cabeçalhos de assuntos (VARGAS, 2010, p.12).

Lucas (2000) menciona que o bibliotecário atua como intérprete dentro das suas condições de produção específicas, dentro de sua formação discursiva, enfim, como um sujeito com todas as implicações inerentes a isto (sua ideologia, a sua subjetividade).

2.6 Indexação

A autora Lucas (2000, p. 15), utiliza uma citação de Cunha (1990), para conceituar a indexação.

“A indexação, também chamada de Análise Documentária, “é definida como um conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo dos documentos sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação””.

Segundo a NBR 12676 – Métodos para análise de documentos – (ABNT, 1992) Indexação é o ato de identificar e descrever o conteúdo de um documento com termos representativos dos seus assuntos e que constituem uma linguagem de indexação.

De acordo com Pinto Molina (1993, p.208), a indexação “é a técnica de caracterizar o conteúdo de um documento [...] retendo as ideias mais representativas para vinculá-las a termos de indexação adequados”.

Para Lancaster (1993), a indexação é um processo subjetivo em vez do objetivo. Duas (ou mais) pessoas possivelmente divergiram a respeito do que trata uma publicação, quais de seus aspectos que merecem ser indexados, ou quais os termos que melhor descrevem os tópicos selecionados. Além disso, uma mesma pessoa tomará decisões diferentes quanto à indexação em momentos diferentes.

No entanto, de acordo com Lancaster (1993) por conta dessa subjetividade inerente à atividade de indexação, o bibliotecário deve ser neutro em suas tarefas. O que para Lucas (2000) é negar toda a construção e formação histórica, social, política e humana desse sujeito, negando-lhe o direito de ser, sentir e alienando-o no seu fazer.

Para, além disso, ainda sobre esta questão da leitura, Lucas (2000) aborda as diferentes marcas de leitura na divisão social do trabalho. Aponta claramente que, no contexto do indexador, a leitura está impregnada de um objetivo para além dele.

Esse sujeito leria, sem direito à interpretação, segundo a autora. Sendo reservada a leitura interpretativa e de deleite, aos pesquisadores, estudiosos, poetas, menos ao bibliotecário. Para o qual a leitura acaba sendo atividade alienante.

Ainda assim, Lucas (2000, p.70) diz que a leitura do bibliotecário, para fins de indexação, impõe ao sujeito-leitor uma forma de leitura que contém em si sua prescrição, obedecendo a uma estratégia. Sendo assim, o bibliotecário faz uma leitura técnica, não uma leitura que agregue conhecimento, que traga alguma reflexão a ele, pois o objetivo do bibliotecário-indexador é encontrar descritores que condizem com a obra e que são de interesse para o tipo de usuários que frequentam a biblioteca. Desse modo, a autora tece uma crítica à leitura limitante realizada por este profissional, o que acaba, muitas vezes, por impedir maiores aprofundamentos na própria representação temática.

A opção pela objetividade, parte da profissionalização dos leitores oficiais de arquivos, se manifesta. Os bibliotecários, os cientistas da informação, tem como meta profissional a organização da informação, reservas de conhecimento acumuladas, e buscam, por meio de técnicas e métodos, atingir, além da organização do conhecimento, o controle terminológico, buscando a universalização (a homogeneização, mesmo) das linguagens de acesso a este conhecimento por meio de linguagens documentárias (tesauros, terminologias, listas de cabeçalhos) (LUCAS, 2000).

Os cientistas da informação, especialistas no tratamento de textos, tem por finalidade tornar o conhecimento acessível aos leitores. Através disso a autora traz a perspectiva de Kobashi (1994):

A Informação documentária tem função de relevância. Ela deve, de um lado, promover a identificação de itens informacionais que, respondam de modo pertinente a uma pergunta dada e, de outro, deve permitir a tomada de decisão sobre a consulta ou não do documento original. Para cumprir com eficácia tais funções, a Informação documentária deve ser elaborada através de metodologias que garantam a equivalência de sentido entre o texto-fonte e a representação. É esse o objetivo central da Análise Documentária.

Na análise documentária, o espaço destinado a estes especialistas repousa sobre a proibição e a negação da interpretação, espaço este marcado por metodologias e procedimentos que reduzem a leitura para fins documentários a uma linha de produção: a “fabricação da informação” (Lucas, 2000). A autora dá uma breve explicação sobre a descrição do ciclo documentário:

O ciclo documentário pressupõe duas operações básicas e complementares: a fabricação de Informações Documentárias e a Representação da Informação. [...] A fabricação de Informação Documentárias [...] supõe a transformação de um objeto (documento) em

um outro objeto (informação documentária) por meio de operações de análise e de síntese. Sua função é a de permitir selecionar, de um universo de objetos, aqueles que poderão responder a uma necessidade de informação (KOBASHI, 1994).

Lancaster (1993), ao analisar os fatores que influenciam a qualidade da indexação e baseando-se (ele mesmo afirma) mais no senso comum e na intuição do que em provas concretas, levantando os seguintes fatores:

- 1) fatores ligados ao indexador: conhecimento do assunto, conhecimento das necessidades dos usuários, experiência, concentração e capacidade de compreensão de leitura;
- 2) fatores ligados ao vocabulário: especialidade/ sintaxe, ambiguidade ou imprecisão, qualidade de vocabulário de entradas, qualidade de estrutura, disponibilidade de instrumentos auxiliares e afins;
- 3) fatores ligados ao documento: conteúdo temático, complexidade, língua e linguagem, extensão, apresentação e sumarização;
- 4) fatores ligados ao processo: tipo de indexação, regras e instruções, produtividade exigida e exaustividade da indexação.

Lucas (2000) ao analisar esses fatores conseguiu detectar o encontro de várias posições de leitura, que configuram diferentes lugares de constituição de sentido:

- a) a do indexador-leitor;
- b) aquela que está sedimentada no vocabulário que servirá como fonte de descritores; e
- c) a do documento a ser indexado.

Do encontro destas distintas posições de leitura, permeado pelas condições de produção, pela tensão da polissemia dos sentidos, das várias memórias atuando em paralelo (o interdiscurso); deste movimento de justaposição e interação decorrerão os descritores (LUCAS, 2000).

2.7 Análise do discurso

Através da prática do bibliotecário como leitor, a autora Lucas visa sua forma de interpretação, compreensão dos seus gestos de leitura, o modo como este leitor trabalha sobre a materialidade discursiva, o aparato teórico que sustenta suas leituras e interpretações produzindo o efeito de completude.

O bibliotecário, como analista de documentos, leitor de arquivos, delimita conteúdos, busca palavras-chave, descritores, faz o trabalho de intérprete dos textos que indexa. Sendo assim o olhar bibliotecário tem que dar conta dos diferentes mecanismos que permeiam a relação entre diferentes formações discursivas e não lidar somente com os conteúdos; de certa forma, o bibliotecário por meio de seus catálogos, de seus descritores, tenta dirigir o olhar leitor, inscrevendo cada texto em uma determinada formação (LUCAS, 2000).

Maingueneau (1989) citado por Lucas (2000) observa que, enquanto a análise do conteúdo percorre os textos para codificá-los, a análise do discurso exige outra forma de leitura. A autora cita Pêcheux (1990) que explica com clareza o que deseja esta leitura:

A análise de discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando “O” sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (...) O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal.

Portanto através dessa explicação a autora acha crucial para esta reflexão recuperar as condições de produção desta “leitura de arquivos” feita pelos bibliotecários: seu instrumental teórico, os seus sistemas de classificação, suas listas de descritores, seus tesouros.

Sendo assim, Lucas (2000) cita Foucault (1971), que brevemente situa a disciplina como:

um princípio de controle da produção do discurso. Ela fixa-lhe os limites pelo jogo duma identidade que toma a forma de ritualização permanente das regras... a disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpo de proposições verdadeiras, um jogo de regras e definições, de técnicas e de instrumentos tudo isso se constitui um tipo de sistema anônimo, à disposição de quem quer ou de quem pode dele servir-se, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados àquele que se achou seu inventor.

A biblioteconomia, a arquivologia, a ciência da informação, a documentação - todos estes conjuntos de saberes - correspondem a disciplinas que cuidam dos arquivos (LUCAS, 2000).

Tratando ainda sobre a disciplina, a autora traz aqui para ilustrar uma ideia de disciplina vista por Foucault, contendo um breve histórico das bibliotecas e dos bibliotecários.

A história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem. Na medida da produção do registro informativo, o homem engendrou sistemas - tão rudimentares quanto a informação registrada - para não dispersá-la. Era preciso reter a informação sobre algum suporte concreto; conseqüentemente, tornou-se imprescindível a preservação desses suportes - os documentos - bem como a organização deles. Quanto mais documentos produzidos, maior a exigência de controle. A resposta à explosão informativa do século XX foi a utilização do computador para ordenar a informação registrada. Ou seja, quanto mais o homem gera documentos, mais os profissionais especializados no controle da informação buscam instrumentos e técnicas que permitem a cada homem encontrar o dado que procura (MILANESI, 1983).

Segundo Lucas (2000) As palavras controle, registro, reter, preservação, organização, exigência de controle, ordenar aparecem com ênfase no parágrafo anterior e denotam a ideia de biblioteca como uma forma de organização do saber, com a função de sistematizar o acesso à informação, como se ela se conservasse neutra diante dos textos que analisa. Porém Cunha (1990) apontou a ideologia no fazer do bibliotecário, desfazendo tabus como o “texto neutro” e a “leitura única, absoluta e objetiva do bibliotecário”.

Os bibliotecários, na divisão do trabalho de leitura, preocupam-se com o tratamento dos textos na sua superfície (classificar, indexar) e, a cada dia que passa, com os novos métodos de tratamento de textos induzidos pela informática, estão mais e mais distantes da interpretação dos arquivos quanto mais de sua escritura (LUCAS, 2000).

A autora menciona também os privilégios da leitura interpretativa que segundo Pêcheux (1982) estão cada vez mais vulneráveis a influência das linguagens lógicas, que buscam na semântica universal a desambiguação dos enunciados, das palavras, idealizando uma linguagem homogeneizada, legível e interpretável pelas máquinas: a ambição da inteligência intelectual.

É pela análise do discurso que Lucas discute a prática da indexação de textos. Para a autora é possível observar e descrever os gestos de leitura realizados

pelo bibliotecário (LUCAS, 2000). A autora faz uma análise do discurso que descreve a leitura do profissional bibliotecário em alguns aspectos como:

- o discurso que descreve a leitura do bibliotecário procura caracterizá-lo como científica logo, neutra e apolítica;
- a leitura do bibliotecário simula o modo de produção industrial, buscando produtividade, rapidez, não dando margem à reflexão e ao acúmulo de conhecimento por parte do bibliotecário;
- esta leitura deseja-se rigorosa, transparente. O sujeito-leitor não deve interpretar. A leitura deve se literal, apreendendo o conteúdo do texto e produzindo representações do mesmo, simulacros, dando-lhe unidade por meio de palavras-chave;
- a leitura deve ser eficaz, administrável, controlada por meio de treinamentos rigorosos, obedecendo sempre a regras de objetividade (p. 85).

Segundo Oliveira (2004) essa leitura científica, neutra, apolítica, produtiva, rápida, sem reflexão, rigorosa, transparente, eficaz, administrável, objetiva é incompatível com a necessária pesquisa para a indexação. A autora ainda fala que a leitura do bibliotecário ou indexador não pode ser tão regulamentada, não pode e “não consegue ser” como vemos em Lucas:

[...] observamos a leitura do bibliotecário em sua prática de indexação. Observamos de que lugar lê esse leitor. Aí constatamos como o sujeito leitor emerge, apesar de sua leitura estar subsumida aos interesses da instituição, apesar das linguagens documentárias (controle de vocabulário, de terminologia), trazendo consigo suas histórias de leitura (LUCAS, 2000, p. 86).

Através dessa reflexão, entende-se que o bibliotecário-indexador não consegue ser totalmente neutro em sua leitura, pois esse sujeito traz consigo uma história de vida, cultural, social, enfim, uma memória que sim, influencia totalmente nesta leitura que teoricamente deveria de ser objetiva, mas sabemos que é impossível ser, por este motivo que temos como instrumento o vocabulário controlado, para que, a subjetividade deste profissional não fique tão em evidências.

2.7.1 Questão da memória e a materialização discursiva

Lucas (2000) traz uma reflexão sobre a questão da memória como estruturação da materialidade discursiva, partindo de uma dialética da repetição e da regularização como tratada por Pêcheux (1985):

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discurso-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Achard (1985) considera os implícitos como sintagmas, cujo conteúdo é memorizado e cuja explicação (inserção) consiste em uma paráfrase controlada pela memorização discursiva. Segundo Lucas, para Achard, a paráfrase da explicação desses implícitos aparece antes como um trabalho posterior sobre o explícito do que como pré-construído:

Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição “no vazio” de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção na paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo.

Lucas (2000) faz uma relação entre as questões colocadas por Pêcheux e por Achard sobre a estruturação do discurso como constitutivo de uma certa memória social com as linguagens documentárias utilizadas pelos indexadores como ferramenta de leitura para fins de indexação.

Os tesouros são constituídos por listas de termos autorizados: descritores e não descritores de um domínio particular do conhecimento, tendo em vista relações semânticas e lógicas. Os bibliotecários, os documentalistas utilizam-nos para representar o conteúdo dos livros, dos textos, e, na outra ponta, estão os leitores, usuários das bibliotecas, que ao realizar suas pesquisas também fazem uso destes vocabulários direta ou indiretamente. Os tesouros são, portanto, o passaporte que abre a entrada para o território da memória inscrita nas bibliotecas. (Lucas, 2000).

A construção dos tesouros, das listas de cabeçalhos de assuntos, tem origem em dois conjuntos referenciais diferentes: no conhecimento categorizado em assuntos e, de outro, em um corpus discursivo do qual são retirados os termos considerados significativos, visando com isto “assegurar a eficácia dos tesouros

enquanto instrumentos de controle terminológico para representar e recuperar a informação” (TÁLAMO, 1992).

Da definição de tesouro, Lucas (2000) destaca o seu caráter de grade interpretativa, em que cada descritor é a síntese de um amplo espectro de significado. Orlandi (1988) fala sobre a ilusão de transparência da linguagem que vem ao encontro desta noção de grade interpretativa em que os tesouros se constituem.

Quando nos deparamos com algum descritor, sabemos que ele é resultado de um jogo de poder da e na linguagem, já que os sentidos têm história. O controle terminológico, a determinação dos sentidos, sua desambiguação, são mecanismos de controle dos sentidos, para que eles não sejam vulneráveis a interpretações outras que não aquelas previstas e desejadas, legitimadas por determinada comunidade (LUCAS, 2000).

Através do texto “A ordem do discurso”, Foucault (1971) demonstra como que em toda sociedade a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída. E isso se faz segundo Foucault “por um certo número de procedimentos que têm por objetivo conjurar-lhe os poderes e os perigos, dominar-lhe os acontecimentos aleatórios, de esquivar-lhe o peso e a temível materialidade (LUCAS, 2000).

Foucault (1971), ao falar sobre os procedimentos internos que controlam os discursos para fins de classificação, de ordenação, de distribuição, com a finalidade de controle do acontecimento e do acaso, define o comentário:

o comentário conjura o acaso do discurso, manifestando-o: permite dizer-se outra coisa que não seja o próprio texto, mas sob a condição de que seja este mesmo texto que seja dito, e de certo modo, concluído.

Em vista disso, a autora afirma que o bibliotecário também é um comentarista, lê o texto, conclui do que se trata, busca descritores que melhor representem a sua interpretação. Portanto, a subjetividade do bibliotecário neste processo sempre estará presente, pois ele sempre terá uma interpretação subjetiva aplicando-a na indexação, procurando descritores que melhor se enquadrem com a sua interpretação.

2.7.2 O sujeito inscrito no discurso do bibliotecário

Segundo Lucas (2000) o sujeito faz uma entrada no campo da reflexão sobre a linguagem em sua relação com as condições de produção. Ao interessar-se pelos interlocutores e pelo contexto de situação, a A.D. propõe-se que se considere:

a relação do sujeito com a linguagem é uma relação contraditória, em que há dupla determinação: do enunciado pelo sujeito e desde pela sua relação com a exterioridade, com seu contexto sócio-histórico. Para que seu discurso tenha um sentido, é preciso que ele já tenha sentido, isto é, o sujeito se inscreve (e inscreve seu dizer) em uma formação discursiva que se relaciona com outras formações discursivas (ORLANDI, 1990).

Lucas (2000) fala que através disso podemos entender a afirmação de Pêcheux (1990) de que

o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores, pensando o fato de os sentidos estarem relacionados aos textos e suas condições de produção (o sujeito, a instituição), as relações entre os diferentes textos, às relações do dizer com o que não é dito. Resulta daí o caráter múltiplo e incompleto do sentido, jamais fechado e acabado. O discurso é constituído pelo movimento das significações, da tensão entre a polissemia dos sentidos e a paráfrase (o mesmo), resultante da domesticação institucional da linguagem.

Através desse ponto de vista, observa-se que há uma des-centração do sujeito, isto é, como diz Maingueneau (1991) citado por Lucas (2000), a análise do discurso “despossui o sujeito falante de seu papel central para integrá-lo no funcionamento de enunciados, de textos, cujas condições de possibilidades são sistematicamente articuladas, sobre formações ideológicas”. A autora Lucas complementa também que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, sendo o sujeito cultural e historicamente constituído, determinado:

Há processos históricos que produzem as formas de subjetividade, isto é, formas-sujeitos. Assim, é próprio de uma sociedade como a nossa que o sujeito seja capaz de autonomia e de responsabilidade, sofrendo as coerções exteriores de seu contexto histórico-social, ao mesmo tempo em que determina o que diz. O sujeito (forma-sujeito) das sociedades ocidentais é, pois, um sujeito (internamente) livre e submetido a coerções (exteriores) institucionais (ORLANDI, 1990).

Portanto Lucas (2000) destaca a ideia de que o sujeito-em-si, fonte de sentidos, é uma ilusão, visto em nossa sociedade o sujeito ser contraditoriamente livre e disciplinado.

Este sujeito se percebe como origem de seu discurso e autônomo na escolha do que faz e do que não faz parte do seu discurso, constituindo o

que Pêcheux (1988) chamou de “esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2”. A consequência teórica destes dois esquecimentos se constitui na concepção da não-transparência da linguagem - a não-transparência do sujeito e do sentido para a análise do discurso, permitindo-nos pensar o sujeito em suas diferentes formas sociais, históricas e culturais possíveis (LUCAS, 2000).

Através deste pensamento podemos refletir sobre o bibliotecário como sujeito-leitor, indexador. A leitura do bibliotecário, como indexador, como estamos observando, deve ser neutra e objetiva. Segundo recortes que a autora Lucas (2000) fez

(a Análise Documentária) não se preocupa com as condições sócio-históricas da produção discursiva, ao contrário, seus objetivos restringem-se, à identificação da base temática do texto.

[...] é preciso considerar que a noção de informação relevante de um texto varia de acordo com os objetivos que se persegue.

O objetivo específico das operações documentárias, ao analisar textos, é o de tratá-los para recuperá-los posteriormente. Desse modo, por meio das operações documentárias se produz diversas modalidades de representações condensadas, quer sob a forma de novos textos (resumos) ou de representações e elaboradas pela mediação de códigos de conversão ditos vocabulários controlados (índices, notações classificatórias).

Segundo Lucas (2000) o bibliotecário é aquele leitor que sabe ler sem interpretar, a sua subjetividade, se existe, prende-se à letra e deve ser conduzida por meio de procedimentos técnicos que assegurem a atribuição de assuntos que representem o texto fielmente, sendo o imaginário do sujeito controlável.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa consiste em um estudo sobre a realização de um aprofundamento bibliográfico, tendo como fonte principal a obra *Leitura e interpretação em biblioteconomia* da autora Clarinda Rodrigues Lucas (2000), que trata sobre a leitura do sujeito indexador, tendo em vista que utilizamos outras fontes que foram extremamente importantes para o corpo deste estudo, pois assim, fizemos um levantamento do assunto, para poder responder aos questionamentos levantados acerca da leitura do bibliotecário indexador.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Então como nós vimos na seção anterior foi realizado um aprofundamento bibliográfico através dos objetivos de pesquisa que são: Identificar qual (is) tipo(s) de leitura(s) é realizado pelo bibliotecário no processo de indexação e Identificar quais elementos da análise do discurso, através da obra de Clarinda Lucas, intitulada *Leitura e interpretação em biblioteconomia* (2000), contribui para a formação do bibliotecário indexador, bem como no fazer da sua atividade como indexador, que ainda estão à margem de sua formação. E a partir do referencial teórico conseguimos identificar e analisar essas questões.

Podemos identificar as práticas de leitura do bibliotecário indexador como interpretativa, pois o bibliotecário indexador é forçado a se apropriar de um conteúdo informacional denso, como se ele fosse o leitor final. E neste processo a autora traz no seu livro autores que falam que a leitura deste profissional tem que ser neutra e apolítica. Sendo assim a leitura do bibliotecário deveria de ser eficaz, administrável, controlada por meio de treinamentos rigorosos, obedecendo sempre a regras de objetividade como modo de produção industrial, ou seja, que só busca produtividade, rapidez, (LUCAS, 2000) assim o profissional não consegue agregar conhecimento, pois ele faz a leitura sem interpretar e sim só encontrando descritores, palavras-chaves que melhor condizem com o conteúdo para poder disponibilizar para o usuário. E através disso Lucas nos mostra que a leitura do bibliotecário ou indexador não pode ser tão regulamentada, não pode e “não consegue ser”. Pois sabemos que o bibliotecário também tem sua leitura, portanto ele não consegue ser um indexador totalmente objetivo, mesmo condicionado as instituições que os emprega.

Identificamos também o aspecto da análise do discurso que contribui para formação do bibliotecário indexador através das condições de produção, interdiscurso e interpretação, esses aspectos contribuem para que ele reconheça e elabore os seus gestos de leitura. Pois o profissional bibliotecário enquanto indexado, não consegue ser totalmente objetivo, porém ele não pode deixar a sua subjetividade transparecer, portanto ele tem como ferramenta os vocabulários controlados para auxiliar este profissional neste processo.

Sendo assim, a análise do discurso vem para ajudar esse profissional a elaborar algumas formas de gestos de leitura, para que sua leitura não se torne tão robotizada e que ele consiga encontrar técnicas de utilizar os seus conhecimentos de leitura adquiridos ao longo de sua vida a seu favor, para ajudar a enriquecer a sua leitura no processo de indexação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo conseguimos analisar o discurso da biblioteconomia: o bibliotecário e suas funções, os senhores da memória e do esquecimento, a leitura e o olhar leitor do bibliotecário, a representação da informação, que vem a ser, em suma, o resultado das etapas de catalogação, classificação e indexação e por fim especificamos a representação temática, bem como a indexação, enquanto produtos da leitura realizada pelo bibliotecário no processo de tratamento da informação. Para que assim conseguíssemos tratar do bibliotecário como sujeito-leitor, indexador, mostrando a importância do seu olhar-leitor, de como a sua subjetividade e seus gestos de leitura contribuem para o processo de indexação, amenizando aquele processo que deveria de ser totalmente objetivo e neutro.

Portando, conclui-se que o bibliotecário indexador não deve ser totalmente objetivo e nem totalmente subjetivo, ele deve de encontrar um meio para transparecer sua subjetividade através de seus conhecimentos, pois o que mais agrega no processo de indexação é os conhecimentos que o bibliotecário indexador traz ao longo de sua formação enquanto ser-humano e profissional, mas ao mesmo tempo que esta interpretação subjetiva enriquece o processo de representação da informação na indexação, ele pode prejudicar também, por este motivo o bibliotecário deve-se conter não deixando tão em evidências o seu olhar-leitor, utilizando os vocabulários controlados para manter o meio termo neste processo de indexação

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. **Histoire et linguistique**. Paris: CNRS, 1985.
- ANDRADE, Mário de. **Os filhos de Candinha**. São Paulo: Agir, 2008.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676**: Métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.
- BARROS, Mônica Garcia; TAMANINI, Juliano. Interpretações da leitura em livros didáticos. In: **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS**. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1858-1870.
- BARTHES, R. e COMPAGNON, A. “Leitura”, in **Enciclopédia Einaude**. Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.
- CUNHA, I. M. R. F. **Do mito à análise documentária**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- FONSECA, E. N. da. **Introdução à biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.
- _____. **L’ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971 (tradução de Sirio Possenti).
- _____. **O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FUJITA, M. S. L., (Org.); et al. **A indexação de livros**: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <
<http://static.scielo.org/scielobooks/wcvbc/pdf/boccatto-9788579830150.pdf>> Acesso em: 14 jun. 2017.

FUJITA, M. S. L. O contexto profissional do indexador no ensino de indexação. Enc. **Bibli:** R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf. Florianópolis, v. 15, n. 30, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n30p91>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

FUJITA, M. S. L.; et al. O contexto sociocognitivo do catalogador em bibliotecas universitárias: perspectivas para uma política de tratamento da informação documentária. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação. Rio de Janeiro, v.10, n.2, abr. 2009. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000005311/3f84c8243569e22ff5b854feac6e3d82>> . Acesso em: 06 jun. 2017.

KOBASHI, N. Y. **Elaboração de informações documentárias:** em busca de uma metodologia. Tese de doutorado, Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo, 1994.

LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos:** teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos/Lemos, 1993.

LUCAS, C. R. **Leitura e interpretação em biblioteconomia.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise de discurso. Campinas: Pontes, 1989.

MILANESI, L. **O que é biblioteca.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

NOVELLINO, M. S. F. **Instrumentos e metodologias de representação da informação.** *Inf. Inf.*, Londrina, PR, v. 1, n. 2, p. 37-45, jul./dez. 1996 Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/1603/1358>> Acesso em: 11 jun. 2017.

OLIVEIRA, V. F. F. **O pesquisador de palavras e o pesquisador de Imagens:** reflexões sobre a organização de bancos de Dados de imagens em artes. *Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, SP, v.6, n.1, p.10-22, 2004. Disponível em: <

http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/119147/1/ppec_998-1053-1-PB.pdf> Acesso em: 26 jun. 2017.

ORLANDI, E. P. “Ilusões da/ na linguagem”, in TRONCA, I. **Foucault vivo**. Campinas: Pontes, 1987.

_____. “Dispositivos da interpretação”, in ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O discurso e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PAES, Denyse Maria Borges; TABOSA, Hamilton Rodrigues. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações: reflexões sobre representação da informação com vistas à recuperação da informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 225-239, maio./ago., 2015. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1007/pdf> >. Acesso em: 10 ago. 2017.

PÊCHEUX, M. Lire “l’archive aujourd’hui”, in **Archives et documents de la Société d’histoire et d’epistemologie des sciences du langage**. Saint Cloud, SHELs, 1982.

_____. “Rôle de la mémoire”, in ACHARD, P. et al. **Histoire et linguistique**. Paris, CNRS, 1985.

_____. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69), in **Por uma análise automática do discurso**. Campinas Editora da UNICAMP, 1990.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 1990.

_____. “Ler o arquivo hoje”, in **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

PINTO MOLINA, M. **Análisis documental: fundamentos y procedimientos**. 2.ed. Madrid: Eudema, 1993.

SILVA, M. dos R. da; FUJITA, M. S. L. **A prática de indexação: análise evolutiva de tendências teóricas e metodológicas**. Transinformação, Campinas, v.16,

n.2, p.133-61, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862004000200003&script=sci_abstract&lng=pt> . Acesso em: 05 jun. 2017.

SOUSA, B. P. **Representação Temática da Informação Documentária e sua Contextualização em Biblioteca**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 132-146, 2013. Disponível em: < <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/249/265>> Acesso em: 06 jun. 2017.

TÁLAMO, M. de F. G. M. et al. “Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros”, **Ciência da Informação**. Brasília, set.-dez., 1992, vol. 21, nº3, pp. 197-200.

VARGAS, D. F. **Estudo metodológico de elaboração de tesouros**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25767>> Acesso em: 05 jun. 2017.